

A IMPORTÂNCIA DAS JORNADAS COOPERATIVAS DE SÃO JOÃO DA PESQUEIRA

A Assembleia Geral das Nações Unidas declarou 2012 como Ano Internacional das Cooperativas. Foi um ano de grandes realizações por todo o mundo, de muito intercâmbio cooperativo, alguma edição de obras sobre o tema, de um apreciável número de artigos de imprensa, quiçá só publicados por se estar a comemorar aquele evento.

Cavalgando aquela oportunidade única nestes quase duzentos anos de cooperativismo moderno, a Aliança Cooperativa Internacional fez aprovar um Plano de Ação para a Década, cuja **frase choque** foi: em 2020 o modelo cooperativo será o modelo empresarial de maior crescimento a nível mundial.

A CASES traduziu o Plano de Ação para português, acessível no site da ACI www.ica.coop, clicando em Blueprint for a Cooperative Decade e depois no ícone da língua portuguesa.

O Plano de Ação centra-se em 5 grandes áreas de atuação, entendidas como aquelas que melhor deverão ser concretizadas, evitando com isso dispersão de esforços. A saber: Participação; Sustentabilidade; Identidade; Quadro legal e Capital.

Permitam-me que comece por respigar do Plano de Ação estas duas frases:

“O ponto de partida da estratégia para um futuro cooperativo global é a reclamação poderosa feita pelas cooperativas ao mundo exterior: temos uma forma de empresa que é, a um tempo, melhor, e capaz de oferecer à economia global um maior equilíbrio face ao presente domínio de um único modelo”.

“Num mundo que sofre de um défice de democracia representativa e ditadura do curto prazo, as cooperativas demonstram como se podem fazer negócios não apenas de modo diferente, mas melhor – não apenas no seu próprio interesse, mas no do mundo. Contudo, para espalhar esta importante mensagem é necessário clarificar como se devem definir e diferenciar as cooperativas. Isso é importante para o próprio setor cooperativo, por criar um sentimento forte de identidade comum, mas é também importante que uma mensagem cooperativa identificável ou uma «marca» seja difundida, que permita diferenciar esta forma de empresa”.

Palavras a um tempo afirmativas e reflexivas, elas significam que somos melhores do que aquilo como nos vêem, mas ao mesmo tempo somos pouco capazes de explicar porque é que somos melhores, por nos faltar capacidade de chegar a um público mais amplo. Há que fazer passar a mensagem, e por esse motivo, Jornadas como aquelas que cooperativas, associações, imprensa -com destaque para o semanário para o qual escrevo - e autarquias locais realizam há mais de uma década em São João da Pesqueira, não podem deixar de ser apresentadas como exemplo às cooperativas nacionais e aos companheiros de percurso no que se reconhece hoje como economia social.

Há anos que a CASES vem acompanhando as Jornadas da Pesqueira, mas passada a X edição, não podemos mais limitar-nos a esse acompanhamento, temos de fazer bastante mais, porque temos de ser sensíveis a iniciativas do movimento cooperativo e associativo

com provas dadas, iniciativas que são planificadas e concretizadas com base nas forças locais e na carolice de uns quantos dirigentes e interessados.

Por proposta dos organizadores iremos colaborar na preparação das XI Jornadas, em termos de ideias, mas sobretudo em termos de sensibilização dos leitores da Vida Económica e do Vivadouro para a problemática cooperativa e da economia social.

Iremos também procurar chegar ao maior número possível de autarcas, procurando que individualmente ou através das suas organizações representativas - que fazem, aliás, parte do Conselho Nacional de Economia Social (CNES) - emulem os colegas da Pesqueira, que de há anos a esta parte possuem verbas específicas para apoio ao desenvolvimento cooperativo e associativo no Concelho.

E iremos colocar nos ombros da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro a ingente tarefa de demonstrar o benefício de uma mais estreita ligação entre a reflexão universitária e a prática cooperativa, seja no domínio da agricultura, a mais evidente nas dez edições das Jornadas realizadas, seja em qualquer dos restantes domínios, secundário e terciário, nos quais a atividade cooperativa duriense se poderá ou necessitará desenvolver.

São já algumas as Universidades e Politécnicos nacionais que possuem pós-graduações e mestrados sobre cooperativismo e economia social. A CASES aspira a que mais o façam, e vem apoiando algumas iniciativas nesse sentido, de que é exemplo a instituição de uma Prémio específico dentro do mais amplo Prémio António Sérgio, o nosso patrono.

Sabemos que é difícil. Já o era nos anos 50 do século passado, quando Sérgio delineou os principais objetivos a atingir pelo setor cooperativo e usou a imprensa escrita, o Boletim Cooperativista (hoje totalmente acessível no [site da CASES](#)), para os divulgar. Um era o ensino do cooperativismo nas escolas, algo que ainda hoje se não faz, chegando a esmagadora maioria dos jovens portugueses a nunca serem informados sobre a alternativa cooperativa ao modelo capitalista de organização empresarial. O papel das Universidades empenhadas servirá de chamariz a que outras mais arripiem caminho, e olhem para a realidade cooperativa com olhos hodiernos.

Regressemos às citações do Plano de Ação Cooperativa para a Década aprovado pelos cooperadores mundiais representados na Aliança Cooperativa Internacional, pois ele fala melhor e com mais autoridade dentro da linha que estamos a desenvolver. Escreve-se no capítulo sobre a Identidade cooperativa:

“As cooperativas devem pensar sobre como são compreendidas, e como se projetam e comunicam com os jovens (pela minha pena acrescento, com especial ênfase para os jovens universitários). Garantir o seu interesse e compromisso positivo só pode ser alcançado se forem compreendidas as mudanças na forma de comunicação e estabelecimento de relações entre eles usando tecnologia e media sociais. As relações humanas estão no cerne da cooperativa. Os jovens precisam de ajudar a moldar a identidade e as mensagens.

As cooperativas devem refletir também sobre o modo como são compreendidas pelos não membros e meios especializados. A emergência de termos como ‘empresa social’, ‘responsabilidade social das empresas’, ‘propriedade dos assalariados’, ‘inovação social’, ajuda à confusão que reina em torno da diferença real que uma cooperativa faz.

*As cooperativas não são muitas vezes vistas como suficientemente distintas para serem tratadas de modo diverso em questões como a regulação. A **mensagem** necessita por isso de gestão, se for pretendido que funcione no interesse das cooperativas a longo prazo”(em ulteriores colaborações poderemos desenvolver melhor esta cacofonia terminológica).*

E lembrando Sérgio, “*o ensino das ideias e tradições cooperativas deve ser incluído nos currículos de todos os graus de ensino. A **educação cooperativa** é a melhor forma de construir uma compreensão da identidade e mensagens cooperativas pela maior possível massa de indivíduos.*

*Programas de formação são necessários para explicar a identidade cooperativa aos futuros dirigentes. Tal deve fazer parte de uma mais ampla promoção da identidade cooperativa nas **escolas de gestão e nas organizações profissionais**. Investigação e desenvolvimento de teorias, conhecimento e ideias deveriam ser promovidas e alargadas, pondo a colaborar gestores, práticos e académicos.”*

Termino uma vez mais com o exemplo da Pesqueira. As Jornadas só se fazem porque um núcleo duro de cooperativas as assumiu e concretiza. Mais, muito me tenho alegrado ao verificar que a nível comercial já desenvolvem marcas comuns entre as cooperativas do núcleo base, havendo agora que prosseguir nessa senda. Para tal a CASES poderá ser útil, já que está encarregue de concretizar o projeto da Base de Dados cooperativa, que permitirá apoiar estudos de expansão ou redimensionamento cooperativo nos próximos anos.

E volto a citar a ACI, para que possam verificar que o caminho que se segue não é irrealista:

*“A **solidariedade entre cooperativas** tem de ser reforçada, levando as cooperativas maiores a por de lado parte dos seus resultados para apoiar o desenvolvimento de novas e pequenas cooperativas”. Acrescento, e a criar sinergias entre cooperativas e demais organizações de economia social, em estreito contacto, e com o apoio, das instituições do poder público local e regional.*

Mãos à obra, pois, concretizando umas XI Jornadas com temas de interesse local, mais participadas, e mais amplamente difundidas. Não esqueçamos o interior e todas as iniciativas que podem permitir um desenvolvimento nacional equilibrado e a criação de emprego através do setor cooperativo e social constitucionalmente consagrado.

Fevereiro de 2016
João Salazar Leite